

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA DOUTORA MARIA APARECIDA
RIBEIRO: EX-DIRETORA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

1-Fale sobre sua formação acadêmica e atuação profissional na Universidade de Coimbra.

R- Muito rapidamente: licenciiei-me em Português-Literatura, pela UERJ e fiz Mestrado e Doutorado na UFRJ. Em Letras, mas com especialização em Literatura Portuguesa, porque era a minha cadeira na UERJ, onde lecionava e onde propus e inaugurei o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Aliás, foi para dar Literaturas Africanas, substituindo um professor, que entrei na Universidade de Coimbra, Depois, pediram-me que lecionasse a Literatura Brasileira. Acabei fazendo Agregação, uma espécie de Livre Docência e a condição *sine qua non* para a cátedra, nessa área.

2- Evocando lembranças. Descreva suas impressões sobre o contexto encontrado em Portugal e em Coimbra quando do seu estabelecimento no país.

R- Cheguei a Portugal muito antes do euro: somente em Lisboa e no Porto havia lojas com os produtos a que eu estava acostumada; e mesmo assim... Em Coimbra, a fartura de oferta era somente nas livrarias e nas perfumarias. Depois do euro, houve como que uma globalização e todos têm de tudo, embora, agora, com os problemas econômicos, as livrarias andem com oferta muito reduzida. A única que funciona bem ainda é a FNAC, mas, mesmo assim, praticamente não tem livros brasileiros. A Cultura e o meu livreiro de 91 anos (hoje), o Alberto da Livraria Padrão (Rio) têm sido a minha salvação. Quando cheguei a Coimbra, os brasileiros eram bicho raríssimo e não havia supermercados. Hoje, o Programa de Licenciaturas Internacionais da CAPES, encheu a cidade de brasileiros e os supermercados, que foram surgindo nesses 27 anos, passaram a ter produtos nossos, embora sem grande fartura. Mas é possível comprar uma polpa congelada da Brasfruit, para fazer um suquinho de caju, comemorar o Natal com um panetone da Bauducco, comer bombom Garoto ou uma paçoquinha, fazer um prato com leite de coco, beber uma caipirinha com limão brasileiro (caro, e que eles chamam lima) e cachaça nossa... Isso, claro, se o governo não suprimir de todo o nosso salário, para pagar a dívida pública.

3-No tempo que você trabalhou na UC qual era o lugar que o Brasil ocupava no conjunto das reflexões e trabalhos da referida universidade? Como o Brasil era visto?

R- Embora quase todos gostem do Brasil, principalmente de vir ao Brasil, muito poucos (quase nenhuns mesmo) são os trabalhos a ele dedicados. Grande parte desse comportamento deriva exatamente da atitude do governo brasileiro e dos próprios brasileiros. Do governo brasileiro, porque não se preocupa com os lugares onde se ensina (ou não) a literatura e a cultura brasileiras; não envia livros, manda (quando manda) representantes fraquíssimos às atividades promovidas pelas universidades etc. Em vinte e sete anos de Coimbra, apenas uma chefe de setor cultural da Embaixada do Brasil foi até lá, por iniciativa própria, reconhecer o terreno. Chamava-se Moira. Mas foi sol de pouca dura na Embaixada. Para se ter uma idéia do descaso, no congresso que organizei sobre José de Anchieta, tivemos representante da Embaixada da Espanha e do governo português. A cadeira destinada ao representante do Brasil ficou vazia. Nunca

senti tanta vergonha! Quanto aos brasileiros, incluindo professores, o problema é que, mesmo ganhando bolsas, a maioria esquece que a bolsa é.. de estudo. Mas tenho de elogiar um aluno pernambucano da UFPE, o Eduardo Melo França, que ganhou uma bolsa-sanduíche: o rapaz “abria” e “fechava” a biblioteca, e além de perceber as diferenças culturais, conseguiu conquistar os funcionários pela educação com que os tratava.

4- Você foi durante muito tempo Diretora do IEB. Como encontrou o Instituto e que direção procurou desenvolver no IEB no que concerne às relações Brasil/Portugal?

R-O Instituto era — e é — a mais bela sala da Faculdade de Letras. Tinha, porém, um grande número de livros por catalogar e não possuía nenhuma atividade cultural. Procurei promover palestras de professores brasileiros que iam a Portugal (já que pagar a passagem a partir do Brasil era impossível), promover sessões de cinema brasileiro e aproveitar a Semana Cultural da Universidade para mostrar a Cultura Brasileira. Dentro desse quadro, consegui, por duas vezes, desviar o curso do Milton Hatoum de Lisboa para Coimbra, arrastar até a universidade um presidente da Academia Brasileira de Letras, o Arnaldo Niskier, levar o Antonio Torres ... No entanto, as ações mais “épicas” foram levar uma jangada (jangada mesmo), dois repentistas, e um grupo de teatro de Limoeiro (PE). É verdade que, para isso, contei com o apoio do Ceará (Fortaleza Convention Bureau) e de algumas instituições de Pernambuco. Mas para chegar a elas viajei às minhas custas. Melhor dizendo: voei com as minhas milhas, paguei hotel do meu bolso, hospedei-me em casa de amigos ... Esse “levar o Brasil a Coimbra” deu-me muito prazer e ficou tão presente na memória dos professores que, na homenagem que me prestaram quando da aposentadoria, a colega que discursou até esqueceu minha produção científica e só falou disso.

5- Como você avalia a atuação do IEB desde a sua fundação: possibilidades, limites.

R-O IEB nasceu como biblioteca, a Sala do Brasil, por iniciativa de alunos brasileiros e grande apoio do Embaixador Araújo Jorge, como conta, depois de muita pesquisa, Lucia Maria Paschoal Guimarães, no seu *Afinidades Atlânticas*. As possibilidades estão na visão, coragem e iniciativa o de quem o dirige, pois o IEB não tem verbas.

6- Fale sobre o acervo do IEB.

R- O acervo antigo é muito bom, mas está ficando muito desatualizado, porque as verbas, dentro dos mínguaos recursos da FLUC, são cada vez mais escassas. Cheguei a pedir livros às editoras brasileiras, mas o grande obstáculo eram o preço do correio e a alfândega portuguesa. Cheguei a pagar excesso de bagagem transportando eu própria quilos e quilos de livros. Com os cortes salariais, porém, diminuíram as viagens ao Brasil e as possibilidades de pagar excesso.

7- Como você percebeu a extinção do IEB?

R- Em termos de Faculdade de Letras não houve problema, porque todos os Institutos foram extintos. Para a imagem externa, porém, foi bastante prejudicial.

8- O IEB de 1942 até 1968 esteve sob a responsabilidade de dois diretores: Rebelo Gonçalves e Álvaro J. da Costa Pimpão. O que você sabe dizer sobre estes diretores e seu trabalho na publicação da revista *Brasília*?

R- Foram homens que marcaram o ensino, catedráticos de renome, cada um na sua área. Pimpão deixou mesmo escola em Coimbra. A *Brasília*, no entanto, revista do IEB, era feita com verba fornecida pelo Brasil.

9- Quais foram os professores brasileiros indicados para lecionar na UC a cadeira de Cultura brasileira?

R- A cadeira de Cultura foi criada em 2000, por sugestão minha. Antes, apesar de haver cultura francesa, alemã, italiana, espanhola, enfim, de todas as línguas e literaturas lecionadas na UC, até Cultura Portuguesa, a Cultura Brasileira simplesmente não existia. Daí que a única professora de CB, desde a criação da cadeira até que me aposentei em 2012, fui eu mesma.

10- Indique e explicito o perfil de sua produção acadêmica referente ao tempo que você esteve à frente o IEB como diretora.

R- A direção do Instituto não influenciou minha produção acadêmica, mas sim o fato de lecionar duas — e até três — cadeiras de Literatura Brasileira, duas de Cultura Brasileira, além de ter conseguido garantir a inclusão da Literatura Brasileira no Mestrado e no Doutorado, o que já deu frutos. Quem leciona tem de investigar, ou vira papagaio. Vai daí que a minha produção científica percorre vários momentos e autores da Lit. Bras., com ênfase especial para o problema das identidades, o que algumas vezes possibilita — e até obriga — a comparação com outras literaturas, principalmente com a portuguesa.